## CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE RELATO DE VIAGEM EM ROBINSON CRUSOE

Bianca Dorothéa Batista (UFRJ) biadbatista@gmail.com Luciana Villas-Bôas (UFRJ)

Num contexto de expansão marítima, os relatos de viagens publicados expandem-se através da Imprensa dando acessibilidade ao Novo Mundo. Há exigências de historicidade como afirma Costa Lima (2009) para que estes relatos sejam tomados como reais. Em virtude disso, as narrativas teriam sido escritas em primeira pessoa e precisariam de uma linguagem simples e de descrição detalhada para que o leitor fosse persuadido de que o texto diante dos seus olhos era verdadeiro. No romance de Daniel Defoe, Robinson Crusoe (1719), o editor afirma que a vida de Crusoe é uma história de fatos e por isso suas aventuras são dignas de serem tornadas púbicas além de servirem de instrução para os leitores. A exaltação da veracidade e o repúdio à ficção correspondem ao que Michael Mckeon (1985) denomina de "questions of truth", uma crise epistemológica sobre como expressar a verdade numa narrativa. O místico e o imaginário eram completamente reprimidos e considerados relatos ficcionais. A afirmação do novo gênero literário, o romance, fez com que surgisse a distinção entre "novel" (romance) e "romance" (relato ficcional/ romance de cavalaria). Para negar a ficcionalidade da obra era necessário utilizar dos mesmos artifícios discursivos, e até mesmo paratextuais, dos documentos acerca de viagens, que na sua maioria eram autobiografias. O presente trabalho propõe analisar o discurso do personagem e narrador Robinson Crusoe e os mecanismos utilizados na narrativa para ofuscar sua ficcionalidade, convertendo assim a um status de veracidade. O mesmo fenômeno pode ser observado na narrativa presente na coletânea de viagem de Richard Hakluyt, "The Principal Navigations". Esta coletânea exalta a expansão marítima e comercial inglesa assim como o protestantismo. Neste cenário, as fronteiras entre o romance e relatos de viagem, ou seja, entre ficção e literatura tornam-se indefinidas.